

MUNDOS OPOSTOS

É o título do belo filme do grego Papakaliatis, em exibição no circuito comercial.

E estão aí, bem visíveis pra quem quiser ver, esses dois mundos que claramente se opõem, bem mostrados no filme, sendo um dominante, querendo e impondo ao dominado seus padrões e suas regras, em nome da razão e da ciência. E da democracia! E através desta imposição espertamente se especializa este mundo rico em ser mais rico, especializando os pobres em serem pobres, e gerando conflitos cada vez mais brutais e insanáveis. E, ainda, no meio desses pobres, os completamente excluídos, os sem-teto desclassificados, os escorraçados, os esmagados, os emigrantes refugiados.

Dentro desses dois mundos, entretanto, existem os seres humanos, com seus sentimentos, suas culturas e seus comportamentos. Há a moça sueca que se apaixona e finda se recusando a cumprir as ordens e as regras dos gerentes do seu mundo. Há o idoso alemão que, pela maturidade, pela cultura e pela razão, ultrapassa as barreiras entre os mundos em busca do amor.

E há os gregos, cristãos, respeitando as procissões, economicamente oprimidos, vivendo o cotidiano sem a consciência viva de que descendem daquele povo antigo que formou a base da nossa cultura ocidental, com as suas humanidades.

E ainda os refugiados sírios, aos milhares, caçados pelos fascistas, no ponto mais fraco da condição humana, ainda capazes, todavia, de viver o amor.

Não vou contar mais para não tirar do leitor amigo o prazer de ver este filme interessante.

Vou referir apenas à consideração que me veio depois de assistir e meditar sobre o filme, sobre a grave ameaça que a existência desses dois mundo trazem para toda a humanidade, já apesada pela violência e pelo massacre nas suas regiões mais pobres e indefesas da Ásia e da África.

Há cem anos, nosso mundo ocidental foi tomado por um sentimento de forte hostilidade entre nações competidoras no interesse econômico, e por uma descrença das razões da democracia, situação que deu origem ao surgimento em cadeia dos fascismos peçonhentos, e às duas mais sangrentas e destruidoras guerras que a História conheceu.

A Organização das Nações Unidas, unidas para a paz, para a negociação razoável e democrática dos conflitos, foi criada para que nunca mais se repetisse aquela calamidade. Viveu alguns anos de grandes esperanças, e estiolou-se na impotência e na descrença, ante a dominância incontida dos interesses que criaram esses dois mundos opostos.

CORREIO SATURNINO

Artigo nº 404/2016

Os ódios crescidos neste conflito entre eles, e a mesma descrença nas virtudes e razões do sistema democrático, levantam no horizonte da Humanidade os mesmos fantasmas de cem anos atrás, agora em proporções ainda muito maiores e devastadoras.

Será inevitável?!!

Será que países inseridos numa zona mais ou menos intermediária entre esses dois mundos opostos, como a própria Grécia, o Brasil, a Argentina, Portugal, Índia, África do Sul, não poderiam ter um desempenho de chamada mundial à razão, de intermediação de interesses, de ressurreição da ONU, tendo agora um português de grande respeitabilidade e força moral na sua Secretaria Geral?

Fico imaginando.

Sobre Renan Calheiros, não sinto necessidade de dizer nada.

Roberto Saturnino Braga

rsaturninobraga@gmail.com
www.saturninobraga.com.br